

que Electra dirige ao Coro é falada (vv. 198-212). No entanto, tal como se verifica na estrofe deste amebou lírico (p. 28, vv. 175-189), também na antístrofe a intervenção da heroína tem de ser, obviamente, cantada. Passando à sugestão de didascálias que podem contribuir para um melhor entendimento do texto, pensamos que intervenções corais como a que serve de transição entre o reconhecimento e o plano de acção (p. 46, vv. 585-595) e a que segue o anúncio, pelo Mensageiro, da morte de Egisto (p. 59-60, vv. 860-865 e 874-879) ganhariam relevo dramático se a A. sublinhasse o seu carácter vivo, alegre e triunfal, até mesmo hiporquématico. Também se nos afigura importante que, na p. 72 (vv. 1172-1176) se assinala a entrada do *ekkyklema* para trazer à vista dos espectadores os cadáveres de Egisto e de Clitmnestra, enquanto o Coro pronuncia, em recitativo, alguns trímetros.

Ainda que, pelos já referidos critérios editoriais, não tenha incluído a bibliografia consultada, deveria a A. ter mencionado, pelo menos, o texto em que se baseou para fazer a sua tradução. Um leitor mais atento acaba por descobrir que a edição seguida foi a oxoniense de Diggle. Já não consegue divisar, porque não há notas que o expliquem, a razão pela qual, nos vv. 1294-1307 (p. 77), decidiu seguir a tradicional sequência de versos e não a proposta pelo crítico inglês (vv. 1294, 1298-1302, 1295-1297, 1303-1307) que atribui o v. 1295 a Electra e não a Orestes.

Estas sugestões e correcções — algumas, porventura, discutíveis — não desmerecem, de forma alguma, este trabalho de grande qualidade. Provam, isso sim, a necessidade de uma edição da versão mais ampla, concluída pela A. há alguns anos, que inclui, para além das necessárias notas e bibliografia, um estudo mais aprofundado desta tragédia de reconhecimento, vingança e expiação.

CARLOS MORAIS

Congresso Internacional do Humanismo Português “Cataldo & André de Resende” (Coimbra – Lisboa – Évora, 25 a 29 de Outubro de 2000). Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2002, 346 pp. [ISBN 972.9376-07-7].

Este volume reúne as comunicações apresentadas ao Congresso, subordinado ao tema em epígrafe, que se realizou entre 25 e 28 de Outubro de 2000, ainda que haja indicação na capa do livro, certamente por lapso, do dia 29. Decorreram em três cidades (Coimbra, Lisboa e Évora) as actividades desta reunião científica, cuja organização se deve a uma iniciativa conjunta da Universidade de Coimbra (Instituto de Estudos Clássicos e Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos), da Universidade de Lisboa (Centro de Estudos Clássicos e Instituto de Estudos Clássicos André de Resende) e da Universidade de Évora (Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais).

Pretendeu-se, com a realização deste evento, cujas actas vieram há pouco a lume, prestar homenagem a dois dos nomes mais representativos no panorama do Humanismo Renascentista português: Cataldo Parisio Sículo e André de Resende. De facto, procurou-se com esta iniciativa comemorar os quinhentos anos do

nascimento do humanista eborense, a 13 de Dezembro de 1500, bem como os quinhentos anos da publicação da obra de Cataldo, *Epistolae et orationes*, saída dos prelos de Valentim Fernandes de Morávia, a 21 de Fevereiro de 1500.

Antecedendo o texto das comunicações do Congresso (pp. 9-12), encontramos o programa pormenorizado das actividades realizadas no decorrer deste congresso, que contou com a participação de alguns dos maiores especialistas do Humanismo Português.

A maioria das comunicações reunidas neste volume tem por objecto a figura do humanista eborense André de Resende e, em menor número, de Cataldo Parísió Sículo. No entanto, a variedade temática das comunicações apresentadas possibilita não apenas o tratamento de múltiplas questões relativas às figuras centrais deste evento mas também o estudo de outros autores/temas, permitindo assim obter uma perspectiva abrangente da inserção de Cataldo e de André de Resende no contexto histórico, social e cultural em que se movimentaram.

A publicação destas actas constitui mais um valioso contributo para o estudo dos dois humanistas, que deixaram uma marca indelével no Humanismo Renascentista português, se bem que em momentos distintos: Cataldo é hoje considerado o introdutor do humanismo em Portugal, enquanto André de Resende representa o período áureo do Humanismo Português do século XVI.

ANTÓNIO ANDRADE

Damião de Góis, *O Livro de Eclesiastes. Reprodução em fac-símile da edição de Stevão Sabio (Veneza, 1538). Edição crítica e introdução de T. F. Earle. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002, 189 pp. [ISBN: 972-31-0964-6].*

A comunidade científica foi recentemente surpreendida pela sensacional descoberta de uma tradução do livro de Eclesiastes da autoria de Damião de Góis. O mérito deste precioso achado tem de ser atribuído ao investigador T. F. Earle, a quem devemos a apresentação de uma edição crítica da tradução, precedida de uma cuidada introdução que apresenta, com rigor e clareza, uma análise de várias questões essenciais para podermos ler e compreender o texto da tradução goisiana à luz das coordenadas históricas, linguísticas e religiosas da primeira metade de quinhentos.

A introdução (pp. 3-43) subdivide-se em cinco partes. A primeira, intitulada “I - A Bíblia em Portugal no século XVI” (pp. 3-6), trata da singularidade da tradução de Góis que é apresentada como uma das raríssimas traduções feitas para português, no século XVI, de um livro da Bíblia.

Segue-se uma breve resenha biográfica do humanista português (“II — Damião de Góis em Antuérpia, Friburgo e Pádua”, pp. 7-10), com particular acento no período que precedeu a sua permanência em Pádua, onde estudou entre 1534 e 1538. Merece especial atenção o relacionamento de Góis com duas figuras: Rui Fernandes de Almada, a quem é dedicada a tradução do Eclesiastes, e Erasmo, cuja influência intelectual não deixa de se sentir nas duas traduções de Góis que saíram